

Considerações sobre os discursos de Lula sobre emprego durante três décadas de vida pública

Luciana Panke
Julio 2013

O ex-presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, é conhecido por seu carisma e se tornou referência como líder de uma economia emergente. Apresentamos aqui, uma breve análise sobre um dos temas mais destacados no gerenciamento econômico de um país: a questão do emprego. Na pesquisa foram observadas amostras dos discursos de Lula desde sua inserção no sindicalismo, na década de 70, até o primeiro ano do mandato presidencial, em 2003. A partir da investigação, classificamos seus discursos em três fases distintas: extrema-esquerda, transição e centro-esquerda.

A primeira fase corresponde ao período de sindicalismo até a década de 90. Naquele momento, Lula representava a esquerda brasileira, defendendo em um discurso coloquial e crítico, alterações no sistema social e econômico vigente. Vale ressaltar que, o contexto permeava a ditadura militar no país, bem como a luta pela retomada à democracia. Além disso, no contexto mundial o comunismo entrava em decadência com a simbólica queda do Muro de Berlim, em 1989. Os discursos pediam liberdade de expressão, propiciando as reflexões para a criação de um partido político.

Nesse momento, Lula, contestador, consagrou-se como uma liderança popular, abrindo a possibilidade de organização das massas. Ele contestava as relações entre capital e trabalho, defendendo a igualdade e um mundo sem dominantes e dominados. Durante o sindicalismo, a questão emprego se relacionava com as lutas pelos direitos trabalhistas e pela melhoria das condições de trabalho para o operariado.

Com a criação do Partido dos Trabalhadores, no início da década de 80, os discursos articulavam questões mais abrangentes, como a organização política e as decisões na área econômica. Nesse momento, Lula inseriu na sua fala a necessidade de geração de empregos cobrando ações das esferas governamentais. As condições de produção correspondiam ao início da abertura democrática no Brasil e à organização das classes populares e o PT foi o primeiro partido a se manifestar na campanha pelas “Diretas Já!”, realizada em 1984.

O mercado e suas leis eram tidos como injustos e passíveis de modificações estruturais



com a proposta de dissolução do sistema vigente para implantação de um modelo socialista. “(...) sentimos na própria carne, e queremos, com todas as forças, uma sociedade que, como diz o nosso programa, terá que ser uma sociedade sem explorados e sem exploradores. Que sociedade é esta senão uma sociedade socialista?” (LULA,1981). A força da expressão retórica manifesta-se na ênfase em “sentimos na própria carne” (argumento de superação e requisito fundamental para a construção da figura do herói), “com todas as forças” e a pergunta final – típica do modelo retórico para introduzir as respostas articuladas.

Na primeira eleição direta para a Presidência, depois do Regime Militar brasileiro, Lula disputou o segundo turno contra Fernando Collor, representando o pensamento da esquerda brasileira. Ele ainda mantinha características do perfil operário, tanto por sua postura ideológica, como pelo visual. Os aspectos remanescentes do período sindical correspondiam a um discurso coloquial e crítico, eliminando o diálogo com as classes dominantes e os acordos firmados com o Fundo Monetário Internacional.

Todo trabalhador quer ter direito a um emprego. Todo trabalhador quer ter direito a uma casa. Todo trabalhador quer ter direito a libertação necessária. (...) Todo trabalhador sonha em poder comprar um presente de natal para o seu filho. Sonha em poder comprar um presente no dia do aniversário. Esse é um sonho, esse é um sonho pequeno, esse é um sonho que não é nada pá(sic) quem trabalha a vida inteira. Pra quem trabalha 240 horas por mês. Esse é um sonho que não deveria ser nada pra quem trabalha de sol à sol. E por que não pode fazer isso? Por que não podem? Exatamente porque o sistema que predomina nesse país é um sistema capitalista arcaico, onde meia dúzia pode tudo e a maioria não pode nada. (LULA, 1989)

A problemática assinalada recebe como vilã o sistema econômico, que junto com a classe dominante, é apontado como o responsável pelas mazelas sociais e, obviamente, pela falta de empregos ou condições dignas de trabalho.

Lula manifestava um discurso de indignação, sem, de fato, mostrar propostas concretas para a mudança de situação.

Transição nos discursos de Lula

Nas eleições de 1994, o PT considerava a vitória de Lula quase certa devido à falência do governo Collor e à liderança do Partido no processo de impeachment. Entretanto, em julho daquele ano, o então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, lançava o Plano Real. Com a moeda estabilizada, o país preferiu permanecer com FHC já no primeiro turno. A sua reeleição em 1998, foi fruto de articulações políticas com os governadores e o Congresso Nacional e Lula sequer chegou ao 2o. turno.

Mas foi nessas duas eleições que o PT se abriu para acordos com outros partidos de esquerda, ao contrário da primeira disputa. No discurso, permaneciam traços discursivos, como as comparações e Lula começou a citar trechos de sua história, consolidando o símbolo de esperança de que se apossou.

Antes de começar essa campanha, eu resolvi viajar pelo Brasil. Percorri 40 mil quilômetros, de trem, de ônibus e de barco. Conversei com pequenos, médios e grandes empresários. Conversei com sindicalistas. Conversei com índios. (...) Eu conversei com toda a sociedade brasileira para ganhar subsídios para construir um programa de governo. Um programa de governo não como uma peça de laboratório, mas um programa de governo olhando nos olhos das pessoas, no coração das pessoas. Para que a partir daí a gente possa começar a encontrar soluções para os brasileiros. Nessa viagem eu aprendi que o povo brasileiro está precisando apenas de uma oportunidade. Uma oportunidade de trabalhar. Uma oportunidade de produzir. Uma oportunidade de conquistar a cidadania. (LULA, 1994)

Nesse momento, há uma reformulação da imagem do candidato, passando a apresentar um perfil mais conciliador, moderno e plural, conforme se observa no trecho acima. Quando



Lula afirma conhecer o Brasil e ter conversado com diversas camadas da população, reforça a abertura que buscava alcançar.

Lula e o discurso centro-esquerda – período atual

A consagração da lógica que acompanhou o governo Lula manifestou-se em junho de 2002, com a publicação da Carta ao Povo Brasileiro. O documento apresentou as diretrizes que seriam adotadas no caso da vitória petista, especialmente em relação às medidas econômicas. Por exemplo, enquanto nas campanhas de 1989 e 1994, o Partido não cogitava o cumprimento dos acordos com os credores internacionais, em 1998 se propunha a analisá-los, na Carta, comprometeu-se a cumpri-los.

Naquele ano, observou-se que a quarta candidatura de Lula à Presidência trazia mudanças estratégicas de comunicação. Mais do que mostrar o “novo” Lula, era necessário também apresentar o “novo” PT. Era preciso, naquele momento, desfazer a imagem do candidato como uma ameaça ao Brasil e enfatizar uma das suas supostas qualidades que era a capacidade de articulação e negociação.

A campanha apresentou um Lula diferente onde se excluíam os jargões de esquerda e o tom agressivo, antes explorados em closes. O simbolismo do personagem Lula foi focado como a personificação da esperança, valor agregado ao produto eleitoral. Basta lembrar o slogan “A esperança venceu o medo”, repetido constantemente durante e após a eleição. O objetivo era construir a imagem de que o candidato do PT era um estadista, com competência suficiente para administrar o país. Diversos códigos se revezaram para a construção dessa imagem, desde o visual do então candidato, até as estratégias discursivas.

Nas exposições do Horário Gratuito de

Propaganda Eleitoral, o símbolo do Partido dos Trabalhadores, a estrela vermelha, sempre estava em evidência. Quando Lula estava falando, podia se constatar ao fundo, uma enorme estrela vermelha e dando contiguidade a esse tom, destacava-se a gravata do presidencial, aparecendo ainda, vários objetos de cena, como por exemplo, murais, gráficos ou pessoas caminhando com pastas vermelhas.

Para contrapor a imagem de sindicalista, com barba espessa e roupas informais, o candidato se vestia com ternos de grife, cabelos e barba bem aparados. A reformulação de sua imagem, antes desgastada pela característica de estimular a luta que podia remeter à baderna ou briga, passou a refletir a serenidade. O candidato partiu de pressupostos como o sonho de um emprego e de geração de renda para dirigir-se aos desempregados do país. O emprego, portanto, foi encarado como um valor que gera laços sociais.

Na atuação enquanto Presidente da República, os discursos de Lula incitavam a participação social na discussão das propostas, como por exemplo, a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e também distribuíam responsabilidades, especialmente, para a iniciativa privada. Houve ênfase às Parcerias Público-Privada, que o governo esperava implementar, para que auxiliassem a sanar questões, como infraestrutura e emprego. A geração de emprego e de renda parece se enquadrar na classificação das “frases feitas da política”, tamanha sua utilização e obviedade. “Entendo que a única e definitiva resposta ao desafio da inclusão social é o desenvolvimento sustentado, com geração de emprego e renda. Sei, também, que este salto de qualidade não vai acontecer pela simples vontade do governo e da população. Por isso, estamos criando os instrumentos e regulamentos capazes de reconstruir a poupança interna e atrair os investimentos produtivos de empresas nacionais e estrangeiras”. (LULA, 2003).



Durante o primeiro ano, o “emprego” esteve relacionado com algumas temáticas centrais como criar postos de trabalho para evitar a criminalidade, com 64 inserções e o vínculo com a educação foi citado 96 vezes. Verificou-se também que a geração de empregos foi elemento legitimador de ações, muitas vezes vistas com restrições pela sociedade, como as reformas previdenciária, agrária e tributária, citadas 124 vezes durante o primeiro ano de mandato.

Trabalho e emprego estiveram relacionados com valores como “compromisso, responsabilidade, sociedade, justiça e mudança”. A expressão “desemprego” foi usada apenas 45 vezes (5%) em relação à palavra “emprego”, mencionada 359 vezes (37%), o que indica a inversão de valores, comparando-se às fases precedentes, quando o tema recebeu conotação negativa. A maioria dos discursos que aborda a temática, foi realizada no Brasil e em situações onde o público era popular, como inaugurações e feiras.

Durante o período analisado, a argumentação enalteceu as qualidades do trabalhador brasileiro, como “competência, inteligência, amabilidade e disposição”. Algumas vezes, ressaltaram-se aspectos para provar a tese de que os assalariados poderiam engajar-se em uma luta por melhores condições de vida, como nas fases de sindicalismo à campanha de 1998. Na terceira fase, a partir de 2002, a qualificação do operário foi apresentada como uma vantagem para os investidores estrangeiros e como forma de avaliar as propostas governamentais.

Os argumentos foram se alterando à medida que o contexto sócio-político exigia novas posturas de Lula. A alteração mais evidente refere-se à concepção ideológica que passou de uma esquerda contestadora, para uma tendência centro-esquerda, conciliando a importância da economia de mercado e às práticas a favor da igualdade social. Os traços argumentativos continuaram nos discursos no decorrer desses 30 anos, enquadrando-se na fundamentação

em valores universais como “justiça, liberdade, igualdade, generosidade e responsabilidade”.

A pesquisa comprovou que a defesa da problemática “emprego” permaneceu no período, entretanto sofreu alterações quanto ao recorte da realidade e ao posicionamento do orador. Esse fato demonstra que características como, o uso de comparativos, argumentação pelo exemplo, relações de causalidade, incompatibilidade e direção se mantiveram, mas o conteúdo veiculado por essas técnicas mudou ideologicamente conforme exigiam as obrigações dos cargos de Lula.

Contudo, a mudança, em especial a partir da campanha de 2002, não significou descaso com o problema, porém o apresentou de diferentes formas. Nesse momento se observa a mutação, pois nos discursos precedentes, durante o sindicalismo e o início do PT, a solução viria pela dissolução do sistema vigente e a implementação de uma nova estrutura política e econômica. Com o passar do tempo, depois da segunda derrota na campanha eleitoral à Presidência, houve adesão à ordem social vigente, apontando para o continuísmo e apresentando propostas conciliatórias com o poder dominante. Entre esses acordos estão a execução das Reformas, a manutenção dos contratos internacionais e a captação de capital privado.



Autora

Luciana Panke

**Doctora en Ciencias de la
Comunicación. Conferencista
internacional, consultora en
campañas electorales en Brasil
y Latinoamérica**

Brasil

Pie de imprenta

**Fundación Friedrich Ebert
Stiftung**

Responsable

**FES Comunicación para América
Latina
Calle 71 # 11 - 90
Bogotá, Colombia**

omar.rincon@fescol.org.co

FES Comunicación

Es una unidad regional de análisis de la comunicación para América Latina de la Friedrich Ebert Stiftung.

Su objetivo es producir conocimiento para hacer de la comunicación una estrategia fundamental del diálogo político y la profundización de la democracia social. El conocimiento y la red de expertos de FES Comunicación apoyan el trabajo sociopolítico de la red de oficinas FES en América Latina.

Las opiniones expresadas en esta publicación no reflejan necesariamente, los puntos de vista de la Friedrich Ebert Stiftung.